



Territorialização da Agroecologia no MST: conquistas e desafios *Territorializing Agroecology in MST: achievements and challenges*

BORSATTO, Ricardo Serra¹; SOUZA-ESQUERDO, Vanilde Ferreira²

¹ Centro de Ciências da Natureza – Universidade Federal de São Carlos, ricardo.borsatto@ufscar.br;

² Faculdade de Engenharia Agrícola – Universidade Estadual de Campinas,
vanilde.esquerdo@feagri.unicamp.br

Eixo temático: Campesinato e Soberania Alimentar

Resumo: Desde a década de 1990, o MST vem promovendo a agroecologia em seus assentamentos. Embora as experiências de produção agroecológica tenham se espalhado, o MST ainda não conseguiu tornar a agroecologia o paradigma dominante dentro de seus assentamentos. Assim, o objetivo deste trabalho é compreender os desafios enfrentados pelo MST para promover a adoção de práticas agroecológicas pelos seus assentados. Oito fatores-chave considerados como cruciais para a territorialização da agroecologia foram utilizados para analisar e discutir os avanços e os desafios enfrentados pelo MST. Nossos resultados sugerem que algumas características estruturais do MST e do Estado brasileiro impõem desafios únicos e complexos ao projeto de territorialização da agroecologia em assentamentos rurais. Sugerimos alguns caminhos para o avanço da agroecologia: a) investir em processos menos hierarquizados de extensão rural; b) implementar mais áreas demonstrativas de produção agroecológica; e c) promover ações que aproximem agricultores e consumidores.

Palavras-chave: massificação; movimentos sociais; assentamentos rurais; Via Campesina.

Keywords: massification; social movements; rural settlements; Via Campesina.

Introdução

A agroecologia oferece fundamentos e princípios que permitem questionar todo o sistema alimentar vigente (McMichael, 2009a; b) e ao mesmo tempo propor um novo, baseado em novos princípios (Altieri e Toledo, 2011; Giraldo, 2018; Gliessman, 2015). Assim, as proposições, tanto teóricas quanto práticas, elaboradas a partir da agroecologia têm sido crescentemente acolhidas por movimentos sociais que representam os interesses dos camponeses, pois são os camponeses os maiores prejudicados dentro do sistema alimentar atual (Desmarais, 2008; Martínez-Torres e Rosset, 2014; Rosset e Martínez-Torres, 2012; Via Campesina, La, 2016).

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), considerado um dos mais importantes movimentos sociais do mundo e que ao longo de sua história apoiou cerca de 350 mil famílias de agricultores que conquistaram a terra (Fernandes, 2009; Wolford, 2003), adotou o fomento à agroecologia nos assentamentos como diretriz estratégica.

A agroecologia começa a ser percebida pelo MST como uma importante ferramenta para o desenvolvimento de seus assentamentos em meados da década de 1990, quando diferentes fatores levam o Movimento a questionar o modelo produtivo



defendido até então, principalmente a) o avanço da onda neoliberal sobre o Brasil que abre os mercados agrícolas e elimina subsídios e b) a formação e participação do MST na Via Campesina. Esta conjuntura cria condições para o MST rever suas diretrizes, o que abre espaço que novas ideias sejam absorvidas pelo Movimento, entre elas a agroecologia (Borsatto e Carmo, 2013).

Porém, apesar das experiências de produção agroecológica dentro dos assentamentos rurais ligados ao MST terem se multiplicado e espalhado por diferentes regiões do país nas últimas décadas, o que podemos perceber é que o Movimento ainda não logrou que os princípios agroecológicos sejam a diretriz técnica da maioria de seus assentados. Com base nessa realidade, este resumo apresenta uma reflexão teórica sobre os desafios enfrentados pelo MST para promover a agroecologia em seus assentamentos rurais.

Metodologia

A estrutura para nossas análises e reflexões baseou-se em um conjunto de oito fatores-chave para entender processos de territorialização da agroecologia (Mier y Terán *et al.*, 2018): (1) reconhecimento de uma crise que motiva a busca de alternativas, (2) organização social, (3) processos de aprendizagem construtivista, (4) práticas agroecológicas efetivas, (5) mobilizando discursos, (6) aliados externos, (7) mercados favoráveis e (8) políticas favoráveis.

Os dados apresentados e discutidos neste artigo vieram de uma extensa revisão de literatura sobre experiências com agroecologia no MST. Além disso, os autores vêm desenvolvendo pesquisas com o MST por aproximadamente duas décadas, realizando pesquisas de campo, participando de eventos, apresentando cursos, conversando com lideranças, entre outras atividades que lhes proporcionaram acesso privilegiado, possibilitando observações diretas.

Resultados e Discussão

Atualmente, a agroecologia é uma diretriz estratégica para o MST em sua luta pela Reforma Agrária Popular. Sua massificação por meio de assentamentos pode garantir apoio social inédito ao projeto de sociedade defendido pelo MST.

Embora avanços significativos sejam perceptíveis, permanece uma lacuna significativa entre o discurso do MST e a realidade observável nos assentamentos. Diante dessas contradições, refletir sobre porque o MST ainda não conseguiu ampliar a agroecologia em seus assentamentos é crucial. Há no Movimento: organização social, processos de ensino-aprendizagem construtivistas, presença de práticas agroecológicas, discurso mobilizador, alianças externas, mercados favoráveis e políticas públicas de apoio.



Neste texto, argumentamos que algumas características estruturais do MST e do Estado brasileiro impõem desafios únicos e complexos ao projeto de territorialização da agroecologia em assentamentos rurais. O tamanho do Movimento (350.000 famílias), a dispersão geográfica de seus assentamentos em diferentes condições edafoclimáticas e a heterogeneidade de sua base social são características que devem ser consideradas nos esforços de territorialização da agroecologia pelo MST. Além disso, no Brasil, um conjunto de políticas destinadas a beneficiar a agricultura familiar e a provisão de uma rede de segurança social por meio de transferência de renda (Bolsa Família) oferecem algum grau de segurança, ainda que mínimo, para que os assentados se sintam à vontade para manter seus sistemas convencionais de produção.

Nossa percepção é que essas características determinam que: a) as políticas de proteção social e de apoio à agricultura familiar ofuscam a percepção de que há uma crise, um fator fundamental, de acordo com Mier et al. (2018), para fomentar processos de territorialização da agroecologia; b) o tamanho, a heterogeneidade e a distribuição geográfica do MST tornam um desafio significativo a disseminação de práticas agroecológicas concretas em diferentes territórios.

Com base nessas hipóteses, sugerimos que o MST necessita de estratégias específicas para avançar em seu projeto de escalonamento da agroecologia em assentamentos rurais, exigindo uma reflexão mais profunda sobre como os fatores-chave identificados por Mier et al. (2018) interconectam-se no contexto do Movimento.

Conclusões

Identificamos no caso do MST alguns fatores-chave que devem ser melhor implementados conjuntamente, por exemplo: (a) investir em processos menos hierárquicos de troca de conhecimento, como na metodologia camponês a camponês e na certificação participativa, visto que esses processos têm se demonstrado eficazes em promover práticas agroecológicas; (b) implementar em assentamentos mais áreas demonstrativas de produção agroecológica com o objetivo de mostrar a viabilidade da produção agroecológica e reduzir a distância entre os discursos das lideranças e as práticas dos assentamentos; (c) promover parcerias com setores urbanos com base na promoção da agroecologia e na construção de mercados locais (feiras, cestas, cooperativas de consumidores, etc.), uma vez que relações mais estreitas entre agricultores e consumidores têm se mostrado um fator essencial na promoção da agroecologia no Brasil.

A recente eleição de um presidente de extrema direita, Jair Bolsonaro, impõe um novo contexto para movimentos camponeses brasileiros como o MST. Nesse novo contexto, uma agenda de criminalização dos movimentos sociais tem avançado, assim como cortes nas políticas públicas que beneficiam a agricultura camponesa.



Essa conjuntura tende a acentuar a crise já vivida pelos assentados e outros agricultores camponeses. Assim, entendemos que a territorialização da agroecologia tende a ganhar ímpeto dentro dos assentamentos rurais, tanto como estratégia camponesa de resistência quanto como uma tática do MST para obter apoio dos setores urbanos para suas lutas.

Finalmente, nossa análise sugere que o MST pode ser considerado um movimento social na vanguarda da promoção da agroecologia. A análise das dificuldades enfrentadas pelo Movimento nesse processo bem como as conquistas alcançadas oferecem lições valiosas para melhor entender os fatores que constroem ou alavancam a adoção de sistemas produtivos de base agroecológica em contextos de alta heterogeneidade, como no caso dos assentamentos ligados ao MST.

Agradecimentos

Este trabalho foi apoiado pelos processos nº 472738/2014-3 e 427726/2016-6, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) - Brasil. Ricardo Borsatto foi parcialmente apoiado nesta pesquisa pelo processo 2017/04577-1, da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

Referências bibliográficas

ALTIERI, M. A.; TOLEDO, V. M. The agroecological revolution in Latin America: Rescuing nature, ensuring food sovereignty and empowering peasants. **Journal of Peasant Studies**, v. 38, n. 3, p. 587–612, 2011.

BORSATTO, R. S.; CARMO, M. S. DO. A construção do discurso agroecológico no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST). **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 51, n. 4, p. 645–660, dez. 2013.

DESMARAIS, A. A. The power of peasants: Reflections on the meanings of La Vía Campesina. **Journal of Rural Studies**, v. 24, n. 2, p. 138–149, 2008.

FERNANDES, B. M. The MST and agrarian reform in Brazil. **Socialism and Democracy**, v. 23, n. 3, p. 90–99, nov. 2009.

GIRALDO, O. F. **Ecología Política de la agricultura: Agroecología y posdesarrollo**. 1. ed. San Cristóbal de las Casas: El Colegio de la Frontera Sur, 2018.

GLIESSMAN, S. **Agroecology: The ecology of sustainable food systems**. 3. ed. Boca Raton: CRC Press/Taylor and Francis, 2015.

MARTÍNEZ-TORRES, M. E.; ROSSET, P. M. Diálogo de saberes in La Vía

Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, no 2, 2020.



Campesina: food sovereignty and agroecology. **Journal of Peasant Studies**, v. 41, n. 6, p. 979–997, 2014.

MCMICHAEL, P. A food regime genealogy. **Journal of Peasant Studies**, v. 36, n. 1, p. 139–169, 2009a.

_____. A food regime analysis of the “world food crisis”. **Agriculture and Human Values**, v. 26, n. 4, p. 281–295, 2009b.

MIER Y TERÁN, M. G. C. *et al.* Bringing agroecology to scale : An overview of key drivers and emblematic cases. **Agroecology and Sustainable Food Systems**, 2018.

ROSSET, P. M.; MARTÍNEZ-TORRES, M. E. Rural Social Movements and Agroecology: Context, Theory, and Process. **Ecology and Society**, v. 17, n. 3, p. art17, 2012.

VIA CAMPESINA, LA. **Annual Report 2016** Harare La Via Campesina, , 2016. Disponível em: <https://viacampesina.org/en/wp-content/uploads/sites/2/2017/07/EN-Annual_Report_2016.pdf>

WOLFORD, W. Producing Community: The MST and Land Reform Settlements in Brazil. **Journal of Agrarian Change**, v. 3, n. 4, p. 500–520, 1 out. 2003.